

## Dois mundos e um sem-fim

As pinturas de Manfredo de Souza-netto reunidas nesta exposição sintetizam uma das características pelas quais sua obra se tem singularizado na arte brasileira. São exemplos de uma das faces divisadas por um litoral cuja manifestação mais clara se dá por meio de linhas sinuosas, à espreita de um viço que se avoluma ao ser extraído seja da cor, seja do desenho que insinuam no espaço. O litoral a que me refiro demarca a indistinção entre o que se mantém pictórico e o que se faz escultórico, no sentido de sugerir ao olhar proximidade ou distância. O viço, o que faz correr os olhos; mergulho (profundidade) ou passeio (superfície) na convivência fluentemente estruturada entre planos e a sugestão de volumes.

Nos anos 1980, a ruptura da ortogonalidade comumente empregada nos chassis pela série de pinturas intituladas *Forquilhas* proporciona à investigação cromática do artista, apoiada no uso de pigmentos naturais, a abertura de uma frente que ele percorre desde então. Nos anos seguintes, a predominância dos três ângulos agudos nessas pinturas dá lugar a novas combinações, em que se observam três soluções, por vezes presentes em um mesmo trabalho: o surgimento de losangos e de estruturas poligonais, vazadas ou não; a demarcação de campos de cor por meio de linhas retas na tela de juta; e a rotação de um quarto de volta do eixo de apoio da obra sobre a parede, trazendo consigo uma bifurcação da pintura, que passa a ter dois lados diferentes. Em seguida, já no fim dos anos 1980, germina a ideia de que o chassi, entendido como o suporte no qual a pintura se efetiva, traduza a instabilidade do traço à mão livre e, assim, comece a se curvar ante as dobras, os labirintos e as espirais do mundo. Ao mesmo tempo, as linhas de cor, em vez de seccionar a superfície, tornam-se desenho a acompanhar e dialogar com as formas alcançadas pelo chassi e a tela, por vezes substituídos por papel artesanal.

Duas transformações acolhem as passagens efetuadas por Manfredo nas duas décadas seguintes. A primeira delas, entremeada à sua residência na École Nationale Supérieure d'Art Limoges-Aubusson e ao trabalho com porcelana, desemboca nas obras chamadas de *Organométricos*, que retomam a pesquisa cromática, aplicando-a sobre a composição de volumes irregulares construídos com madeira. A segunda, em sentido amplo, extrai as linhas das pinturas feitas sobre as telas curvas e as solta no espaço, tornando-as esculturas e deixando à sombra o colorido terreno, em prol da

transcendência formal. A paisagem retratada nos desenhos dos anos 1970, quase sempre versões da deformação das montanhas de Minas Gerais, em decorrência da exploração do minério de ferro, converte-se em um exercício tanto de leveza e esforço quanto de resistência e elevação, pelo qual o artista enlaça o espaço de sua criação à indeterminação do ambiente. Mesmo quando coladas à parede, essas esculturas visualmente lineares põem a oscilar o desacerto descortinado a cada novo horizonte sensível, ou seja, ao limite entre provações terrenas e anseios celestes.

Alguns anos após terem sido riscadas no espaço, tais linhas de madeira, moldadas por uma sucessão de cortes e o revestimento de folhas de cobre ou plexiglass, retrovertem para a linguagem pictórica, deitando-se sobre pequenas telas quadradas de linho, agrupadas na série que compôs, com poemas de Júlio Castañon Guimarães, o livro *Do que ainda – segmentos*, publicado em 2009. Em outros termos, desviam sua suspensão para o plano, redesenhando o litoral que serpeia a interseção (corte e simultaneidade) entre pintura e escultura na obra do artista.

Testemunha-se aqui, portanto, o segundo momento do novo limiar estabelecido por Manfredo de Souza Netto. Em telas outra vez ortogonais, expõem-se cores e desenho, mas também superposições e contrastes, plasmando o incorpóreo nascido dos pigmentos utilizados pelo artista. Estão, é certo, mais de um lado do que de outro do litoral em que insisto, porém carregam entoadamente, a cada abrir e fechar de olhos, os sedimentos nos quais se encanta o que a arte nos faz ser.

Junho de 2010

Luiz Eduardo Meira de Vasconcellos